

A ARQUITETURA DO ENSINO: UMA DISCUSSÃO ACERCA DE LÍNGUA/LITERATURA NA UNIVERSIDADE E NA ESCOLA BÁSICA A PARTIR DA OBRA DO PADRE ANTONIO VIEIRA

Paulo Cezar Czerevaty¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo promover uma discussão acerca da necessária interação entre linguística e literatura, apontando alternativas para o trabalho pedagógico na disciplina de português, no contexto de Ensino Médio. Para tanto, foca-se em atividades desenvolvidas com os chamados “gêneros orais”, relacionando com o texto *Sermão da Sexagésima*, de António Vieira. Além disso, outra aproximação é visada por este estudo: entre universidade e escola regular, e entre as disciplinas do currículo de formação de professores, considerando, segundo opinião aqui sustentada, que vários dos equívocos no ensino básico são apenas repetição de erros do ensino superior; essa “aproximação” fundamenta-se, principalmente, com as reflexões feitas a respeito do contexto de formação docente inicial.

Palavras-chave: Língua e Literatura. Gêneros Oraís. Escola. Universidade. Ensino.

THE ARCHITECTURE OF TEACHING: A DISCUSSION ABOUT LANGUAGE / LITERATURE IN THE UNIVERSITY AND IN THE BASIC SCHOOL FROM THE WORK OF FATHER ANTONIO VIEIRA

ABSTRACT

The present work aims to promote a discussion about the necessary interaction between linguistics and literature, pointing out alternatives to the pedagogical work in the Portuguese course, in the context of secondary education. Therefore, it focuses on the activities developed with the so-called "oral genres", relating to the text Sermon of the Sixtieth, by António Vieira. Moreover, another approach is targeted by this study: between university and regular school, and between the disciplines of the teacher training curriculum, considering, according to the opinion held here, that several of the misconceptions in basic education are just repetition of teaching errors Upper; This "approximation" is based, mainly, with the reflections made regarding the context of initial teacher training.

keywords: Language and Literature. Oral Genres. School. University. Teaching.

INTRODUÇÃO

Regressava a Portugal, 1655, depois de uma dura missão nas terras brasileiras do Maranhão, aquele que para Fernando Pessoa era o “arquiteto da língua portuguesa”: Padre

¹ Acadêmico do curso de Letras-Português na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

Antônio Vieira. Homem tanto religioso quanto político, sabia usar da retórica e das interpretações bíblicas coladas ao contemporâneo de sua atuação e aos seus objetivos, para criticar, convencer, mudar pressupostos que julgava necessários.

A data de pregação marcava o penúltimo domingo antes da quaresma – justificado no título *Sermão da Sexagésima* –, período intenso para a atividade religiosa. As igrejas seguem um calendário litúrgico que determina alguns ensinamentos bíblicos para dias específicos, como era a “Parábola do Semeador” para a fala de Vieira, tema deste artigo. O que faz o pregador nessa ocasião? Sabendo da força simbólica do período quaresmal, de algumas fragilidades da instituição de que fazia parte e ciente da sua capacidade de intervenção, profere um sermão criticando a atuação dos colegas padres, conferindo-lhes a responsabilidade pela ineficiência dos ensinamentos religiosos.

Ao que servirá o *Sermão da Sexagésima* quatrocentos anos depois? Que relações existem entre o assunto tratado por um viés religioso em determinada época, e as instituições de ensino – sem ligação religiosa – atuais? De onde vem o direito de “subverter” a literatura canônica a ponto de torná-la parte de um “manual escolar”?

Primeiro, a leitura literária pode ser realizada de diversas formas. O leitor pode usar de referências históricas que situem exatamente os acontecimentos da época em que o texto foi produzido, buscando dados bibliográficos e biográficos para se amparar e com isso produzir uma possível interpretação; ou pode ir além, tirar os antolhos, explorar a perenidade e a atualidade da grande obra de arte. É sob essa segunda forma que o artigo busca se assentar, notando o quão atual é a expressividade de Vieira, de modo que seus sermões podem ser lidos por meio de teorias e áreas variadas do conhecimento, servindo didaticamente a diversas discussões, sem, contudo, perder a originalidade.

Segundo, será que hoje, na educação, há uma crítica consistente e, ao mesmo tempo, que aponte o cerne dos problemas aliados a possíveis caminhos de resolução, tal como fez o Padre Antônio Vieira acerca da ordem religiosa? E mais, a retórica perfeita, a arquitetura linguística, a coerência de ideias não servem ao ensino de Letras? Não servem ao profissional da área?

Terceiro, o que é “subverter” a literatura? Ao que chamam de subverter, chamar-se-á, aqui, “tornar viva”. A literatura deve ser passível de ser “destruída” sem, contudo, perder sua originalidade que está, justamente, na amplitude de possibilidades a oferecer. Destruída consegue se reconstruir assumindo formas variadas e igualmente ricas, antes blindadas pelo cultismo e pelo conservadorismo acadêmico.

Vale destacar que tanto no Brasil, quanto em Portugal, a obra de António Vieira apresenta extrema importância. A escola barroca, em que o autor está inserido, assume uma posição – em virtude da dominação portuguesa em terras brasileiras – denominada “lusobrasileira”. Logicamente, por esses fatores, o conteúdo dessas produções é parte dos programas de ensino em ambas as nações. A grande questão é se os docentes irão se apropriar das possibilidades da obra, ou se escolherão o tradicionalismo histórico em relação à leitura literária na escola.

Para comprovar esse tradicionalismo, foram analisados dois livros didáticos que apresentam tópicos relacionados ao período Barroco, contendo questões acerca da obra de António Vieira. O primeiro deles, desenvolvido por Fernando Teixeira de Andrade, parte da *Coleção Objetivo: Sistema de Métodos de Aprendizagem*, com especificidade em Literatura Portuguesa; e o segundo, desenvolvido por Carlos Alberto Faraco, com o título *Português: Língua e Cultura*.

Fernando Teixeira pontua, em um tópico, importantes características formais e históricas relacionadas ao Barroco e à prédica que estrutura o sermão de Vieira, fazendo uma relação com os ensinamentos de Aristóteles, apontando trechos, etc. Porém, o segmento do trabalho proposto deságua logo em uma série de atividades que exploram muito pouco do sermão e da capacidade interpretativa do aluno, além de isolar a obra em relação às possibilidades de um trabalho linguístico e artístico mais amplo.²

Faraco (2005) opta por iniciar com um longo trecho da abertura do sermão, fazendo, posteriormente, alguns comentários acerca do estilo de Vieira. Ao final do capítulo, desenvolve duas questões pouco didáticas acerca do assunto. Não didáticas porque o autor expõe no capítulo o *Sermão da Sexagésima*, e, nas atividades, introduz o *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, indagando acerca deste segundo.³ Não são necessárias grandes

² Atividade proposta pelo primeiro livro: “Assinale V (verdadeiro) ou F (Falso) sobre o Pe. António Vieira e sua obra: I. Representa o abasileiramento do estilo barroco pela incorporação de tupinismos, termos africanos e do falar coloquial à sua obra. II. Afastou-se totalmente do cultismo e gongorismo, atitude que radicalizou a partir do *Sermão da Sexagésima*. III. Defendeu o conceptismo, o primado da ideia, dos argumentos, da ‘palavra de Deus’ sobre o malabarismo verbal o sobre o preciosismo estéril. IV. Como jesuíta, concentrou-se nos temas místicos: a devoção mariana, a elevação espiritual, o afastamento das questões mundanas. V. Foi a maior figura da poesia barroca sacra e conceptista. VI. A necessidade de se fazer entender pelas plateias dos mais diferentes níveis socioculturais levou o pregador a transigir quanto à pureza do idioma, utilizando uma linguagem permeável ao linguajar do povo [...]”, seguem-se ainda mais alternativas, além de outras questões parecidas e que em pouco contribuem para a formação intelectual/autônoma do estudante partindo de tal obra. (ANDRADE, p.114)

³ O autor enuncia a questão da seguinte forma: “É de leitura obrigatória o *Sermão da Sexagésima*, proferido na Capela Real de Lisboa, em 1655, e no qual o orador expõe sua arte de pregar. Ao leitor brasileiro interessa particularmente:” e introduz o trecho do *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, terminando nas perguntas: “Costuma-se dizer que, numa sociedade escravocrata, a classe dominante considera o trabalho indigno. Que

análises para constatar que o autor peca no desenvolvimento da atividade, e, por isso, diminui as possibilidades da leitura literária e de seu trabalho linguístico etc.

Acrescente-se, ainda, o próprio problema inerente na utilização dos livros didáticos - mesmo que bem desenvolvidos: o fato de ser um produto acabado, fechado em si mesmo. Todos, sem exceção, trazem questionamentos prontos para as respostas, muitas vezes, também prontas. Caberia ao professor tê-lo apenas como parâmetro de auxílio, o que nem sempre ocorre. Esse modo de aplicação do conteúdo é um dos inimigos de um ensino consistente de língua e de literatura. Como expõe Duarte (2008):

[...] o modelo de leitura que tem mais produtividade escolar é o que evita e foge assustado da chamada análise ou comentário de texto, que se baseia em perguntas feitas pelos autores de manuais e desajustadas a cada situação concreta da aprendizagem na aula, perguntas mecânicas, desproblematizadoras e impessoais, pois nem sequer são formuladas pelo professor. (DUARTE, 2008, p.21)

Diante disso, reafirma-se a importância de trabalhar de formas variadas com a obra literária, torná-la susceptível de melhor aproveitamento, tanto no campo artístico, como nas relações formais da língua e da estruturação do ensino-aprendizagem.

Sermão da Sexagésima: um diálogo com os professores e futuros professores acerca do ensino de língua e literatura, mediante as atuais teorias.

Vieira, no *Sermão da Sexagésima*, desenvolve uma dinâmica em torno da figura do semeador da parábola bíblica; e o que é ser professor, senão, semear conhecimento? Estar diante dos estudantes não é conter uma verdade absoluta a ser difundida, é ter uma semente que irá tocar solos variados. A educação não é linear e de percurso límpido, pelo contrário, é uma estrada semelhante à do semeador da parábola. O professor é um semeador.

“Entre os semeadores do evangelho há uns que saem a semear, são os que vão pregar a Índia, à China, ao Japão: os que semeiam sem sair são os que se contentam com pregar na pátria”, criticou Vieira (2015, p.22). Quem são esses que se contentam em pregar na pátria? São aqueles que querem o conforto, a segurança. Diferente dos que saem, sabendo das dificuldades, porém, preparados e com um ideal a ser cumprido.

Entre os educadores, há os que “ficam”, e os que escolhem semear o conhecimento. Estes últimos são os que não se contentam com o plano, com o currículo, com o diploma que

afirmação de Vieira, nos trechos do sermão citado pelo autor, contém uma crítica a essa perspectiva?; Que afirmação de Vieira contém uma crítica à exploração de mão-de-obra escrava?” (FARRACO, 2005, p.99).

lhe garante um título de capacitado. Não querem apenas dar aula, querem fazer a diferença sem olhar para os números, mas prestando atenção nos mínimos progressos. São profissionais que se autoavaliam e questionam.

“E se esse semeador evangélico, quando saiu, achasse o campo tomado; se se armassem contra ele as pedras, e se lhe fechassem os caminhos; que havia de fazer?” (VIEIRA, 2015, p.23): e se o professor, disposto a ensinar, encontrar as imposições e demandas do estado; os problemas com estrutura e equipe pedagógica; alunos em condições variadas; o que deverá fazer? Semear. A escola não é um lugar de perfeição, no entanto, é um campo de possibilidades, pois, como Vieira:

Dá-me grandes esperanças a sementeira, porque ainda que se percam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos: dá-me grande exemplo o semeador; porque depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela muito fruto. (VIEIRA, 2009, p.27)

No trabalho pedagógico não há resultados imediatos – considerando principalmente pelos pontos em que há um déficit muito grande nos conhecimentos basilares dos estudantes. Se a educação, como mencionado, é um campo de possibilidades, deve ser, primeiro, lugar de tentativas responsáveis, pensadas e estudadas. É preciso testar, adaptar, reformular a cada situação, a cada semestre, cada aula, cada ano. Todo aluno é um mundo. Toda aula é um evento.

Os resultados podem ser diversos, demorados, trabalhosos, mas existem, como no sermão de Vieira é explicitado. Por esses resultados do exemplo é que o orador acaba questionando os motivos pelos quais a “palavra de Deus” fazia pouco fruto naquele período histórico. Pergunta incisivamente porque “se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, há tão pouco fruto da palavra de Deus?” (VIEIRA, 2015, p.29). Aplique-se a analogia ao ensino escolar: se a literatura e a língua são tão eficazes e poderosas, como são vistos tão poucos frutos delas?

Literatura e língua estão para o ensino como a “palavra de Deus” está para a religiosidade. Para que ocorra o processo ensino/aprendizagem, é necessário completar as três pontas: há de concorrer o professor, instigando; o estudante, percebendo; e, haver conhecimento a ser explorado e humanizado, pois, qual é o papel das ciências humanas, senão, fundamentalmente, ensinar o ser a entrar em si e ver a si mesmo?⁴

⁴ Paráfrase da terceira parte do Sermão da Sexagésima, p.29.

O estudante e o professor precisam se sentir insatisfeitos com suas próprias convicções, é nesse pressuposto que se assenta o ensino das humanidades. É bem provável que, ao menos uma vez, o profissional de Letras e, principalmente, o futuro profissional já tenha se perguntado qual é o seu papel diante de uma atualidade de invenções, tecnologias cada vez mais avançadas etc. A resposta não é exata, mas é verdadeira e diz respeito àquele olhar interior mencionado. Está cada vez mais fácil verificar que não é apenas o conhecimento que torna o mundo melhor, mais igualitário, e que melhora o relacionamento entre as pessoas. E se o conhecimento não tem essa responsabilidade, quem a tem? É a sensibilidade que está por trás dele, que se constata pela linguagem, que penetra e compõe a literatura.

Mas como fazer com que essa sensibilidade seja colocada à tona? Ou, quem é responsável por dar vida ou por tolher essa possibilidade? Dos frutos buscados e não alcançados por meio dos sermões do século XVI, Vieira afasta desde logo a culpa da “palavra de Deus”, e destaca também: “Os ouvintes, ou são maus, ou são bons: se são bons, neles faz grande fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito.” (VIEIRA, 2009, p.31). O que isto quer dizer? Os efeitos da pregação, na perspectiva do sermão, serão sentidos independentemente de quem seja o receptor. Ainda que cada pessoa seja alcançada de formas distintas, necessário é encontrar meios de lançar a palavra.

Com o conhecimento científico e humano disponibilizado pela escola não é diferente. Cada aluno visado terá suas dificuldades, mas, sobretudo, suas possibilidades, escondidas, muitas vezes, pelos rótulos. No conhecimento a ele disponibilizado estão língua e literatura, ambas plenas e com estatuto de verdade, como a “Palavra de Deus” para Vieira. Essa “verdade” deve ser instigadora, convidativa ao aluno desvendá-la.

Se há tanto conhecimento a ser trabalhado, fontes diversas, materiais a serem explorados, o que falta para que haja um processo de ensino/aprendizagem satisfatório? No entender de Vieira, a culpa também não é do ouvinte, portanto, não é do aluno. O conhecimento é, tal como a “palavra de Deus”, “tão fecundo que nos bons faz muito fruto; e é tão eficaz que nos maus, ainda que não faça fruto, faz efeito: lançado nos espinhos, não frutificou, mas nasceu até nos espinhos [...]” (VIEIRA, 2015, p.32)

Considerem-se “maus” não como uma divisão comparativa entre os alunos. Esta palavra, para a discussão, traz todas as dificuldades inerentes ao ensino, desde o estudante, até a sociedade em que está inserido; a estrutura escolar; os recursos disponibilizados pelo governo, dentre outros inúmeros fatores. De qualquer forma, o bom e responsável professor tem a obrigação de semear e de acreditar na sementeira.

Se o profissional julgar pelo mau ou pelo bom, nunca haverá resultado. Se partir daquilo que é apontado como impossível, jamais haverá possibilidade. Não há aluno ou situação impossível se houver vontade e comprometimento. Se as pregações não iam bem, a culpa era do pregador, sentenciou Vieira. Se o ensino de língua e literatura não vai bem, a culpa é de um sistema, mas, também, do professor que apenas espera por boas condições, negando-se a lutar, no mínimo, por aquilo que está ao seu alcance no exercício profissional.

Falou-se do ensino de língua e literatura, do papel das humanidades na escola, e, indiretamente, da necessidade de uma formação consistente aos futuros professores que atuarão na educação básica. Como fazer isso?

Julga-se, neste trabalho, que boa parte das incoerências estampadas nas atuações das escolas provém de um afastamento muito grande da noção de aluno, com a noção de futuro professor no período da formação. A partir do momento em que a pessoa ingressa na universidade, adquire um estatuto que vai se cristalizando até atingir seu ponto máximo depois de graduado.

Esse futuro profissional vai sendo moldado ao longo do curso, a partir do contato com saberes diversos, inegavelmente importantes para a sua formação. A questão é fazer a transição para o campo da aplicabilidade: o que usar? Como usar? Quando usar?

Com esse problema instaurado, abre-se espaço para o personagem que se sustenta a partir daquela cristalização desses saberes. O professor, proprietário de um estatuto, mantém-se pela segurança de detentor do saber (e do poder), ignorando que um dia foi aluno, justamente porque sua posição de aluno não foi corretamente trabalhada pela universidade. Para ensinar são necessárias, no mínimo, três etapas: aprender o assunto que irá ensinar; aprender e desenvolver um método de como ensinar esse assunto; e, por fim, ensiná-lo.

O problema acentua-se quando as necessidades tendem para noções de ensino mais "contemporâneas", que fogem aos modelos tradicionais, exigem certa sistematização daquilo que era visto como natural ou sem necessidade real de ser trabalhado.

Nesse ponto direciona-se a discussão para outro assunto a ser pontuado neste artigo: a necessidade de teorizar, organizar e, por fim, conceber a prática dos gêneros orais no processo educacional⁵, e de que esse processo se inicie na formação do próprio professor.

O estudante universitário ingressa no curso com a mesma ideia que foi formada quando deixou o Ensino Médio. O professor, por sua vez, nega esse recente contato com a

⁵ Entenda-se por processo educacional o ciclo que abrange desde a formação do professor, até sua maneira de trabalhar, posteriormente, com os futuros alunos.

escola, enxergando-o logo como capacitado a desenvolver o trabalho que lhe é cabível e que o conduzirá, futuramente, de volta às salas de aula do ensino fundamental, médio etc, como regente.

Imerso em um novo mundo de teorias, autores, obras, o universitário será convocado, cedo ou tarde, a partilhar um saber que foi obrigado a pesquisar, se aprofundar. Isso se configura como apresentação oral, normalmente na modalidade de seminário, que, no saber comum, servirá ao desenvolvimento das capacidades de comunicação e contato com o público, fundamentais em um curso de licenciatura.

É nesse momento que a "bola de neve" começa a se formar. O estudante age de acordo com seu saber inerente, aquele formado pela escola básica, não recebe apoio sistemático no trabalho de estruturação desse seminário, e assim seguirá ao longo da graduação, com erros e acertos, até que pela repetição e obrigação consegue (às vezes) moldar essa atividade numa espécie de autodidatismo que possivelmente não se configurará como conhecimento “palpável” a ser transmitido em sua atuação profissional. Ou seja, irá pressupor que o aluno da escola básica percorrerá o mesmo caminho.

Por esses motivos é que nos tópicos seguintes serão discutidas questões importantes relacionadas ao ensino de língua e literatura, dos gêneros orais e da formação do futuro professor, a fim de apontar estratégias para possíveis atuações.

A exposição oral: discussão a partir da noção de pregador, de Vieira

A necessidade de trabalhar sistematicamente com o gênero oral juntou-se à possibilidade de fazê-lo a partir do mesmo sermão que vem servindo de base para a produção deste texto. Ainda, aliado a isso, insere-se no estudo o entrelaçar entre língua e literatura, e teorias de ensino-aprendizagem, confundindo-se a ponto de mostrar que podem caminhar juntas.

Contudo, antes de pensar em um trabalho nesses moldes – envolvendo um texto literário canônico, escrito a partir do oral e discutindo essa oralidade – é necessário tornar clara a noção de “oralidade e escrita como duas práticas sociais do uso da língua.” (CAVALCANTE; MELO, 2007, p.92). Ora, se são duas práticas de um mesmo objeto, logo, cada uma tem sua especificidade.

Além disso, “o ensino oral deve se basear, antes de tudo, em gêneros orais específicos. É com um gênero em particular que o professor deve trabalhar em sala de aula.” (CAVALCANTE; MELO, 2007, p.92). Assim como na escrita nem tudo pertence a um

mesmo domínio, no oral ocorre o mesmo. Uma entrevista é diferente de uma palestra, um sermão religioso é diferente de um discurso político, etc. Contudo, ao iniciar um trabalho explicitando a especificidade dos gêneros orais, é preciso cuidado para não tender ao erro que, hoje, com gêneros escritos, luta-se para quebrar: o excesso de esforço apenas em sua teorização.

[...] acreditamos que, para a eficácia no ensino dos gêneros orais, seja necessário um conjunto sistemático, planejado de atividades, com finalidade específica para o ensino-aprendizagem de um determinado gênero, neste caso específico, o seminário. Ou seja, faz-se necessário, na escola, um trabalho para tentar desenvolver no estudante uma relação consciente e voluntária com seu próprio conhecimento linguístico, fornecer aos estudantes meios eficazes para melhorar sua capacidade de escrever e de falar. (GONÇALVES, 2009, p.04).

Um seminário eficaz e que fuja do tradicionalismo da escola brasileira é aquele que obedece às etapas de produção, pensadas e posteriormente executadas conscientemente, além dos futuros possíveis melhoramentos. Nesse processo, tanto professores quanto alunos devem estar envolvidos. O primeiro dando suporte necessário; o segundo, depois de receber as orientações, constatando como pode montá-lo e reformulá-lo conforme as necessidades.

A partir das DCE (PARANÁ, 2008) e dos PCN (BRASIL, 2008), já é possível sistematizar a forma como trabalhar, seguindo princípios como a circulação social de determinado gênero, das diferentes posturas diante de tipos variados de público, o desenvolvimento da argumentação ligado à adequação da linguagem e concordante aos aspectos cinésicos, bem como o próprio comportamento enquanto especialista, respeitando certa “democracia”, entendendo os turnos de fala etc.

O professor, a depender da maneira como irá organizar o trabalho, deve criar estratégias que possibilitem o desenvolver desses aspectos de forma consciente, tanto em uma etapa inicial (antes da apresentação), quanto para a etapa posterior (refacção⁶). O educador pode, ainda, basear-se nas seguintes fases pontuadas por Schneuwly & Dolz, em *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*:

“Uma fase de abertura”, quando o aluno assume um status diferenciado, o de especialista no assunto. “Uma fase de introdução ao tema [...], momento da entrada no

⁶ Tanto os PCN (BRASIL, 1998) quanto as DCE (PARANÁ, 2008), ao apontar necessidades no trabalho com a produção escrita, citam uma fase de refacção. Ou seja, a partir do texto produzido pelo aluno, e as correções do regente, uma reescrita é realizada com o objetivo de desenvolver melhor as capacidades daquele que escreveu. Considerando que a oralidade também é um tipo de texto, o termo foi transplantado para designar o momento que o estudante deve “corrigir” sua apresentação oral a partir dos apontamentos do professor, ou do próprio julgamento crítico, sendo, portanto, uma refacção.

discurso [...] deve também mobilizar a atenção, o interesse ou a curiosidade dos ouvintes”. Depois, “a apresentação do plano da exposição [...] que cumpre uma função metadiscursiva [...]”, ou seja, mostra como será a apresentação, esclarecendo o jogo e suas etapas. Passando para “o desenvolvimento e encadeamento dos diferentes temas”, momento em que o falante irá explicar aquilo que, anteriormente, era apenas tópico. “Uma fase de recapitulação e síntese [...] transição entre a exposição propriamente dita e as duas etapas de conclusão”. A primeira (conclusão), que “transmite a mensagem final”, dá um fecho coerente ao desenvolver do assunto, e, por fim, o encerramento (segunda conclusão), “etapa que é, de certa maneira, simétrica à abertura, comportando frequentemente, agradecimentos ao auditório.” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2014, p.220 – 221).

Quando o Padre António Vieira criticava as pregações de sua época – ou seja, as construções orais dos pregadores –, direcionou os apontamentos à figura do pregador e, com isso, se aproximou muito de questões que aparecem nas atuais teorias acerca dos gêneros orais, porém, com sentido complementar, portanto, ainda mais proveitoso.

Discorrendo acerca dos possíveis motivos pelo insucesso dos sermões, cria um “manual” daquilo que precisava ser melhorado, em que, pela sua argumentação, é possível tirar claramente implicações que podem ser colocadas lado a lado até com as etapas anteriormente mencionadas. Essa aproximação permitirá tanto a sistematização de uma apresentação oral, como o seu “acabamento”, tornando mais forte, atrativa e convincente.

Segundo Vieira, “no pregador podem-se considerar cinco circunstância: a Pessoa; a Ciência, a Matéria, o Estilo, a Voz. A pessoa que é; a ciência que tem; a matéria que trata; o estilo que segue; a voz com que fala.” (VIEIRA, 2015, p.34). A seguir, serão estabelecidas algumas aproximações entre os tópicos apresentados pelo Padre António Vieira, e as noções de gêneros orais no contexto escolar e universitário.

No termo “pessoa”, Vieira aponta para o “exemplo”: “A definição do pregador é a vida e o exemplo”, e para a ação: “Entre o semeador, e o que semeia há muita diferença: uma coisa é o soldado, e outra coisa é quem peleja; uma coisa é o governador, e outra é o que governa.” (VIEIRA, 2009, p.34)

Algumas implicações podem ser retiradas dessas sentenças e coladas às situações de ensino-aprendizagem. Quando Vieira cita a vida e o exemplo de pregador, acusa que de nada adianta defender algo quando estiver no púlpito, se, na realidade, o próprio pregador não age de tais maneiras. E no caso de um professor? Como convencer um aluno, encantá-lo com um

texto literário, instigá-lo com as nuances da língua, se na própria aula dada não há verdade, gosto e comprometimento?

Se o professor não tem esse poder de encantamento, como cobrar do aluno tal ação durante uma exposição oral? Note que tanto os problemas quanto as soluções estão inerentes na própria relação professor-aluno. É necessário criar boas ações dentro desse círculo, caso contrário não há resultados prováveis.

A escritora brasileira Marina Colasanti, em entrevista ao *Radar da Educação*, apontou para a impossibilidade de ensinar literatura sem ser leitor, portanto, sem acreditar naquilo que está repassando. Segundo ela, “o professor que não é leitor não tem como formar leitores – não formará um. A leitura é contaminação amorosa: o professor tem que acreditar no que diz e, para acreditar, ele tem que ser leitor.”⁷ Falava da literatura, mas isso é geral, todo assunto tratado dependerá de uma harmonia entre matéria e quem tratará dela.

No caso do professor, infere-se de que sua própria escolha pela formação garanta esse gosto, em perspectiva globalizante. É lógico que cada pessoa terá suas preferências até mesmo dentro da área de preferência, além de se deparar com necessidades do currículo etc. No entanto, ele tem o poder da organização e preparação das aulas, portanto, a chave para melhor gerir esse processo de “encantamento” está em suas próprias mãos.

Com o aluno de ensino básico – a qual esse professor mencionado vai lecionar, e apontando, necessariamente, para a questão do seminário - é diferente. Nem sempre é possível dar-lhe o domínio e a flexibilidade do conteúdo. Com isso, é provável que as questões de gosto venham à tona no processo de preparação e apresentação de um trabalho, até porque o estudante está ali não por escolha, mas por obrigatoriedade do sistema escolar.

Diante disso, como agir? Já que ao aluno não é possível a opção, deve-se abrir caminho para a “imersão” no assunto. Ao organizar um seminário acerca de determinado tema, além de todo o processo de preparação, das fases, o professor deverá ampliar ao máximo as discussões para verificar quais são os aspectos que se aproximam mais da “verdade” em que o estudante acredita, para então fornecer o subsídio necessário a uma apresentação significativa.

Na mesma noção de “exemplo” apontada por Vieira, insere-se – literalmente – a necessidade de, durante uma exposição oral – exemplificar. Diz o pregador que ao falar-se da Paixão de Cristo, todos os fiéis ouviam. Em certo momento abre-se uma cortina e lá está um

⁷ Marina Colasanti em entrevista à *Radar da Educação*. Disponível em: <<https://radardaeducacao.com.br/2016/10/20/marina-colasanti-fala-sobre-incentivo-a-leitura/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

corpo ensanguentado representando Jesus. Nisso, as pessoas ajoelham-se, choram, batem no peito; ou seja, foram tocadas pelo exemplo, pela imagem e, conseqüentemente, tiveram outra compreensão.

Em um seminário, o exemplo é fundamental para que o ouvinte compreenda o assunto. Atualmente tornou-se ainda mais fácil usar esse recurso, disponibilizando de TVs, computadores, data-shows; o apresentador pode – e deve – levar trechos da obra em um trabalho literário, fotos que mostrem os contextos, frases em que sejam destacadas características e regras da língua, dentre outros (citando a aula de português).

Depois da “pessoa”, Vieira considera o “estilo”, que, segundo ele, “[...] há de ser muito fácil, e muito natural” (VIEIRA, 2015, p.39), e acrescenta: “O estilo pode ser muito claro, e muito alto: tão claro que o entendam os que não sabem; e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem.” (VIEIRA, 2015, p.41). O que está em causa, claramente, é a linguagem a ser utilizada. Para falar bem e com efeito não é necessário rebuscamento, mas sim, clareza, coerência e concisão de ideias. Com tais sentenças, acentua-se a necessidade, durante a preparação e refacção, de trabalhar com os aspectos linguísticos: marcadores conversacionais; repetições e paráfrases; correções; hesitações, digressões; expressões formulaicas, expressões prontas; atos de fala/estratégias de polidez positiva e negativa⁸.

Esse aspecto pode ser ligado ao próximo tópico de Vieira, a “matéria”:

Há de tomar o pregador uma só matéria; há de defini-la, para que se conheça; há de dividi-la, para que se distinga; há de prová-la com a escritura; há de declará-la com a razão; há de confirmá-la como o exemplo; há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que hão de seguir, com os inconvenientes, que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades; há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; o que não é isto, é falar mais alto. (VIEIRA, 2015, p.45)

Vieira expõe algo muito parecido com a fase de produção de uma apresentação oral, introduzindo noções como da divisão da matéria e da maneira como será trabalhada; passando para a própria apresentação, carente de boa argumentação e sustentação da tese central; o refutar de outras ideias a partir de bases sólidas; e, por fim, concluí-lo, dando um bom fecho ao trabalho, garantindo o efeito de segurança para chegar à persuasão.

⁸ Aspectos Linguísticos apontados por Cavalcante & Melo, em *Gêneros Oraís na Escola*, a partir de Marcuschi.

Para tanto, estabelece um parâmetro de como organizar a matéria – e o pensamento – para que a apresentação seja feita coerentemente:

Há de ter um tronco, por que há de ter um só assunto, e tratar uma só matéria: deste tronco hão de nascer diversos ramos, que são os diversos discursos, mas nascidos de uma mesma matéria, e continuados dela; estes ramos não hão de ser secos, senão coberto de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos, e ornados de palavras [...] (VIEIRA, 2015, p.46)

Vieira aponta, ainda, para a “ciência”, introduzindo a noção de “trabalho”: “Muitos pregadores há, que vivem do que não colheram, e semeiam o que não trabalharam” (VIEIRA, 2015, p.47). Ou seja, é preciso apresentar aquilo que é seu, que foi desenvolvido a partir do estudo dos textos, de fontes relacionadas etc. Falar de algo não é resumir um assunto a partir do pensamento alheio; é debruçar-se sobre esse assunto e desenvolver ideias e conclusões próprias: “O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento; as alheias vão pregadas à memória: e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.” (VIEIRA, 2015, p.49)

Por fim, introduz-se o elemento “voz”: “Antigamente, a primeira parte do pregador era boa voz, e bom peito.” (VIEIRA, 2015, p.51). Nesse ponto, Vieira chega aos fatores paralinguísticos: “Qualidade da voz (aguda, rouca, grave, sussurrada, infantilizada); elocução e pausas.” (CAVALCANTE; MELO, 2007, p.95). Esse elemento é destacado pelo pregador, dentre outros motivos, porque, como afirma, “[...] o mundo se governa pelos sentidos [...]” (VIEIRA, 2015, p.51), e se isto é verdade, os aspectos cinésicos tem, também, grande relevância: “Atitudes corporais (postura variada: ereta, inclinada etc), gestos (mexer com as mãos, gestos ritualizados, como acenos, apontar, chamar, fazer sinal de ruim, de bom etc); trocas de olhares; mímicas faciais.” (CAVALCANTE; MELO, 2007, p.05).

A partir desses tópicos elencados, sequências didáticas podem ser pensadas tanto para o contexto universitário quanto para o ensino regular. Nessas sequências, o *Sermão da Sexagésima* servirá ao trabalho puramente literário, à produção – como manual – de exposições orais e, principalmente, às discussões variadas acerca dos usos linguísticos em relação íntima com a literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual é o intuito deste trabalho? Para quem é direcionado? Perguntará o leitor após percorrer um texto em que Universidade e Escola, aluno e professor, língua e literatura

confundem-se, entrelaçam-se. Se essas dúvidas surgirem, parte dos objetivos do artigo já foi alcançado.

Formação acadêmica e formação escolar não se separam. Universidade e escola são inseparáveis, da mesma forma que língua e literatura – ou ao menos deveriam ser. Isso explica os motivos de se trabalhar uma obra da literatura barroca cruzando com as teorias de ensino, e a possibilidade de usar essa relação em diversos contextos diferentes, a depender da organização dada à matéria.

No que tange ao entrelaçamento de língua e literatura, e o modo de serem trabalhadas mediante a importância no desenvolvimento do indivíduo, corrobora-se, aqui, com o que afirma Isabel Margarida Duarte:

O professor é responsável por apresentar, num processo de ensino-aprendizagem coerente, quer os usos literários quer os usos cotidianos da língua. Além da competência linguística dos alunos, terá também de procurar desenvolver a respectiva competência literária, ou seja, uma aptidão apreendida, um conjunto de convenções e habilidades que lhes permitirão ler textos literários com proveito. Competências literária, linguística e comunicativa devem desenvolver-se paralela e harmonicamente. (DUARTE, 2008, p.16)

Paralelismo este que pode ser notado nas discussões até agora desenvolvidas. Diante disso, a aplicabilidade deste artigo é pensada em duas fases: primária e secundária. A primeira corresponde ao contexto de formação do professor de português; a segunda, ao trabalho desse futuro professor – e de outros já atuantes – nas salas de aula do Ensino Médio.

O trabalho a ser realizado, nesse sentido, resume-se no diálogo entre a disciplina de literatura portuguesa com as disciplinas que trabalham especificamente com a prática de ensino, como o estágio; e entre escola e universidade, literatura e língua, em busca de melhores estratégias na prática docente.

Portanto, na fase dita “primária”, o *Sermão da Sexagésima* deverá ser trabalhado pelos acadêmicos em ambas as disciplinas (Literatura e Linguística voltadas ao ensino), cada uma com sua especificidade, mas, ao mesmo tempo, dividindo a tarefa de tirar o máximo de implicações do texto.

No caso da literatura, podem ser trabalhados os elementos artísticos da construção textual, o autor, as influências e os intertextos, a especificidade da escola barroca, além de uma leitura próxima ao objetivo “encantatório”. Com a disciplina de Linguística voltada ao ensino escolar, deve-se focar na relação entre as teorias para a produção do gênero oral, e o aspecto teórico do sermão de Vieira em relação à figura do pregador.

Além disso, tanto pelo viés literário, quanto linguístico, uma análise da construção textual deve ser efetuada, pontuando boa parte das estratégias que o orador usou para tornar o texto mais coerente, atrativo e persuasivo.

Após percorrer essa etapa de leitura comparativa e analítica do texto, estabelecendo as relações possíveis e necessárias, os docentes de cada uma das disciplinas deverão discutir entre si e pensar em uma maneira satisfatória de unificar o trabalho que, até então, era compartimentado, e realizá-lo em uma exposição oral em aula comum. Nesta, os acadêmicos deverão valer-se das teorias de ensino – e da relação com o sermão -, usando os elementos que a atividade exige. Devem ser, ainda, avaliados pelos dois professores.

Uma sugestão é que o tema do seminário seja o próprio sermão, ou, ao menos, outra obra do autor, e ou de autores do período barroco. Dessa forma, será possível fundir polos aparentemente diferentes e distantes. Após a apresentação, os próprios alunos poderão discutir as atuações, bem como professores deverão pontuar aspectos positivos, negativos, direcionando a melhoramentos.

Chega-se, portanto, à etapa “secundária”. Nesta, os acadêmicos, dialogando entre si e os professores, deverão apresentar uma sequência didática com o mesmo sermão, pensando em um trabalho similar, mas para ser aplicado aos estudantes do Ensino Médio.

De início, alguns cuidados precisam ser tomados. Primeiro, o *Sermão da Sexagésima* é um texto escrito a partir de uma exposição oral. O professor deve atentar para que o aluno não confunda oralidade com escrita, julgando que o que houve em 1655 foi apenas a leitura de algo escrito previamente. Para isso, a organização do plano é fundamental: seleção de fragmentos, a apresentação inicial do conteúdo e autor, a hora certa de fazer uma leitura integral etc. Além de valer-se das tecnologias e todos os elementos possíveis ao trabalho.

Segundo, o professor da escola básica, ao pensar a atividade, tem de estar seguro da absorção daquela duplicidade indissociável que fora trabalhada na universidade: Teorias da Linguística X Teorias da Literatura, pois consubstanciará em sua atuação a totalidade indistinta dessas áreas.

A partir de uma atividade como a exemplificada, desenvolvem-se diversos níveis de interação. As disciplinas no contexto acadêmico abandonam possíveis hierarquias para caminharem juntas. Os professores dialogam a respeito dos melhores caminhos a trilhar. O universitário assume sua posição de futuro professor e aproxima academia e escola básica, e, tudo isso, sustentado pelo perfeito entrelaçar de língua e literatura.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fernando Teixeira. **Literatura Portuguesa**. Coleção Objetivo: Sistemas e Métodos de Aprendizagem. Centro de Recursos Educacionais. Livro 13.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1998
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1998
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Primeiro e Segundos Ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1998.
- CAVALCANTE, Mariane C. B.; MELO, Cristina T. V. **Diversidade Textual: Os gêneros na Sala de Aula**. Recife: Universidade de Pernambuco, 2007.
- DUARTE, Isabel Margarida. **Ensino de Português: No cruzamento da Literatura e da Linguística**. In: Os Programas de Português dos Ensinos Básico e Secundário. Coordenação: Cristina Martins. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2008.
- FARRACO, Carlos Alberto. **Português: Língua e Cultura, Ensino Médio, 3ª Série**. Curitiba: Base Editora, 2005.
- GONÇALVES, Adair Vieira. **O Gênero Seminário Como Objeto de Ensino-Aprendizagem: Um Modelo Didático**. Caxias do Sul: V SIGET, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_genero_seminario_como_objeto_de_ensino_aprendizagem_modelo_didatico.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- HAISI, Wagner Matheus. **A Arte de Pregar Histórias**. Irati: Unicentro, 2015. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/siepe/pdf/ivv4n1/154.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da Educação Básica: Língua Portuguesa**. Paraná, 2008.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.